

As faces de Évora em *Aparição*
Testemunho de uma leitura

Cláudia Sousa Pereira

Universidade de Évora, Departamento de Linguística e Literaturas

Leitora do pensar e escrever de Vergílio Ferreira, cidadã de Évora, não-vergiliana nem eborense me confesso. Não-vergiliana por não ter no percurso académico trabalho de fundo e com solidez sobre a Obra ou, até mesmo, o contexto cultural em que produziu o seu pensamento e os seus textos. Não eborense porque Évora sabe bem, e faz questão de marcar, a diferença entre quem nasceu, ou não, nela ou nas suas imediações. No entanto, confesso-me uma leitora muito empenhada em fazer de outros leitores tão críticos, ou mais, do que eu.

Naturalmente, como qualquer académico e investigador, sinto a obrigação de falar do que sei. Mais ainda, de procurar saber mais daquilo de que normalmente costumo falar. Talvez por isso, *corporae* a que julgava já não precisar de voltar, acabo sempre por revisitá-la depois de mais aprendizagens, de mais correções de pontos de vista que se movimentaram com o Tempo, naturalmente.

Chegada a Évora no ano de 1990, *Aparição* era obra que já tinha ficado arrumada há muito em leitura parcelar, para uma qualquer “cadeira” de Literatura Portuguesa na licenciatura que me fizera apaixonar-me, não pelos modernos ou contemporâneos, mas pelos textos medievais. Tratei de a recuperar, por inteiro, na primeira oportunidade e espantou-me o retrato disfórico que a beleza da cidade, com aparente contradição, se me dava a ler. Essa relação tensa que me trouxe, agora neste centenário de Vergílio Ferreira, à releitura que proponho.

Aparição é talvez o romance de Vergílio Ferreira mais “escolar”. E não o digo apenas porque constituiu durante longo tempo leitura obrigatória no ensino secundário, mas porque o romance parece funcionar como uma espécie de laboratório em que o Autor experimenta princípios filosóficos que organizam o seu pensamento numa realidade que constrói pelo discurso literário. Um laboratório em que a Morte se impõe

omnipresente na Vida, com todas as reacções e tensões que a consciência desta emulsão provoca nos que a vão provando: as personagens pela presença de Alberto no seu círculo social, os leitores na leitura atenta do texto de Vergílio Ferreira.

Talvez por isto a obra se tenha colado tanto, ao longo da história da sua leitura, às “coisas”: a vida de um professor, à época, na província portuguesa, em particular no Alentejo e mais particular ainda em Évora; o ambiente social e político de uma cidade pequena socialmente e enorme historicamente; a beleza da paisagem; enfim, a cidade de Évora. E Évora torna-se assim, com a passagem do tempo sobre a escrita e a recepção da obra, o seu motivo central. *Aparição* é Évora e Évora é também a *Aparição*.

Como é sabido, qualquer semelhança entre uma obra de ficção e a realidade não é mera coincidência, por isso é que podemos fazer uma leitura de *Aparição* considerando a cidade de Évora, não na categoria do espaço, mas da personagem. Uma leitura possível, vulgar até como exercício de leitura literária, não nos parece menos importante quando se liga um Autor a um lugar, porque o lugar marcou o Autor, que se permita esta relação, e que não deixa de ser uma leitura cartográfica pelo motivo do lugar¹.

Utilizamos o conceito de “cartografia” neste contexto não apenas pela evidente ligação directa entre o observável e o representável que acontece nos mapas, mas porque esta leitura literária será feita a partir da análise do texto que resulta da expressão e representação de determinados e (ainda hoje) observáveis *in loco* elementos, fenómenos, ambientes físicos que, através da linguagem, se desenham e representam pela expressão mais dos sentimentos e emoções, ao longo de diferentes momentos e estruturas da narrativa, mais do que pela mera descrição pontuada de adjectivos pitorescos que dão ao leitor a cor do local. Se optássemos por esta leitura, estaríamos a contribuir muito mais para uma espécie de peregrinação ao lugar mítico da origem, e digo-o sem menosprezo, do que para acrescentar o valor que cada leitura de uma obra acrescenta a essa mesma obra. E a acrescentar ainda a esta missão de encontrar a estratégia adequada para formar os melhores leitores literários possível, no quotidiano de professores de Literatura, há uma evidente tentação pessoal de ligar o texto a esta Évora que alberga o estranho, e que classificaram há 30 anos como sendo

¹ «A sua *genealogia* [do motivo] é feita de confluências, de tangencialidades, de contaminações e de metamorfoses, fontes de uma patrimonialidade e de uma significação que o adensam, o subtilizam e o complexificam, suspendendo-o em interdiscursividade, entretencendo-o de sentidos e pressentidos, oferecendo-no-lo como *objecto suspeito* e *sedutor* apelando à investigação ‘arqueológica’. » (RITA, 2010:15)

um lugar de todos, património da Humanidade. Tentação que resulta do cruzamento das circunstâncias de leitora e habitante estrangeira da cidade de *Aparição*. Não deixando nunca de sentir-se brindado com gratidão por essa escolha do “vir para cá”, haverá por momentos uma ou outra interpelação - e que no romance não escapam aos momentos de silêncio ou da palavra total que Vergílio, ou melhor o seu narrador e as suas personagens nos dão - em que o aqui chegado ficará sujeito a ouvir o liminar argumento: ”não entende porque não é de cá”.

A referência antipática surge em impressões de quem conhece a cidade e a apresenta, em dois momentos opostos do percurso do professor na sua passagem (reduzida a) um ano letivo. As primeiras, de um estranho como Alberto, o Chico, que lhe diz que: «Évora era uma cidade “absurda, reaccionária”, empanturrada de ignorância e de soberba. Em Évora – tinham-lhe dito um dia – “não se podia ter mais do que a 4ª classe nem menos que 300 porcos.”» (Ferreira, 1999:42). E as outras, as palavras finais de um autóctone, o reitor do Liceu: «- Sim. Évora é uma bela cidade, Évora é uma cidade extraordinária. E está perto de Lisboa... Mas, por exemplo, Setúbal ou, digamos, Santarém ou mesmo Leiria... É claro, são tudo meios pequenos. É o defeito de Évora também. Tudo se sabe e, se se não sabe, inventa-se. Pois é...» (id.:217).

Percorramos, então, algumas passagens da *Aparição* onde, mais do que provas de vida do cronótopo, termo bakhtiniano - em que o romance, naturalmente, se tornou pela relação entre o facto literário e o facto histórico-geográfico e pelo lugar que ocupa no friso da evolução literária ou das correntes de pensamento que transpõe para o discurso literário -, se leiam essas palavras como expressão de um quase discurso amoroso.

Antes, porém, importa esclarecer que, a propósito de desejo e literatura, nesta leitura possível que arrisca o gesto do autor a partir do gesto do leitor, encontrei o norte no que Ana Luísa Vilela escreveu em verbete do *E-Dicionário de Termos Literários*. Do lado do Autor cita, em segunda mão, Kristeva: «*Ces aventuriers du psychisme qu'on appelle les écrivains, vont au bout de la nuit où nos amours n'osent pas risquer. Nous restons troublés, inconscient oblige, par l'intensité du style... Un style – témoin de la perte de sens, vigile de la mort.*» Nas suas próprias palavras que legitimam esta leitura pelo lado da paixão no leitor:

«Para o leitor, o texto literário é um objecto impregnado de uma radical e fascinante alteridade. A sedução obscura da palavra poética, a intimidade do

espaço de cumplicidade e enigma instaurado pelo exercício da interpretação, a submissão orgânica da leitura a uma ciclicidade que nela faz alternar os períodos de excitação, fulgor e cansaço, conferem à leitura do texto literário os contornos de um processo de investimento do desejo. A aprendizagem e o desafio da leitura literária podem constituir uma espécie de “ars amandi” de um sujeito sempre fazendo-se assintoticamente como leitor, no exercício de uma tendência, sempre aquém da plenitude que o seu objecto, misteriosamente, exhibe e sonega.» (Vilela, 2009)

No seu todo não são longas as descrições de Évora só lugar. Acontecem quando a personagem principal vagueia, com mais ou menos rumo, e Évora se materializa à sua frente como aparição, e quase sempre com a utilização deste substantivo ou na modalidade de verbo. Começámos, então, por olhar para esses momentos que nos levam a ler o discurso literário que põe em jogo o espaço, o lugar, como uma personagem feminina a quem o protagonista, alter-ego de Vergílio, parece encarar como um “obscuro objecto de desejo” (e a referência ao filme de Buñuel não é uma coincidência). A tensão que o texto deixa transparecer na apreciação – ou descrição adjetivada - de Évora através de Alberto, não conseguimos deixar de a relacionar com os diferentes triângulos trágicos que vive com as mulheres e os homens com quem se relaciona (falamos de Sofia e Ana, de Carolino e de Alfredo), mais ou menos intimamente, assumindo Évora as diferentes faces que as fases das paixões, ou da paixão amorosa se quisermos, vão enchendo Alberto Soares. Se ao longo do romance ele está em constante verbalização silenciosa sobre o absurdo da mortalidade, são veladas as palavras que se poderiam referir às reacções apaixonadas do sujeito. Como se a razão toldasse a própria mão que verbaliza as sensações. Há tensão nos relatos dos encontros, nas breves referências a certo detalhe físico de Sofia e de Ana. Mas onde o vocabulário e a sintaxe parecem, a estes olhos leitores, traduzir o desejo, e consequentes conceitos que em torno do desejo gravitam, é nas referências a Évora. Como se Évora fosse a personagem feminina por quem Alberto Soares pode, de facto, apaixonar-se, transportando para as qualidades físicas da paisagem, vistas e vividas por si, as reacções amorosas do apaixonado. Ficam aqui, então, alguns dos excertos em que o narrador autodiegético escreve Évora.

Quando a cidade surge, num avistar de primeiro dia, já obscurecida por algumas sombras:

«Mas a cidade é fácil nesta rua principal: o que se perde nela não são os passos mas apenas, quando muito, o olhar. Com efeito, nas súbitas arcadas que levam à Praça, abre-se-me um obscuro labirinto onde julgo repercutirem-se, como ecos de uma gruta, os ecos do tempo e da morte.» (id.:14)

«E é como se aqui ouvisse ainda a tragédia da planície nos teus corais de camponeses. Subo a rua que leva à Sé, viro ao largo do Templo de Diana. E nas colunas solitárias ouço como o murmúrio antigo de uma floresta imóvel. O zimbório da Sé brilha, dourado ao sol matinal. Fico a olhá-lo longo tempo, parado sob um arco que se lança sobre a rua, suspenso do silêncio e de memória. Depois as ruas descem apressadas, oblíquas a velhos medos, até outras ruas obscuras, onde me perco. E finalmente descubro o edifício do Liceu.» (id.:24)

A cidade que se transforma no mesmo dia, quando Alberto passa a ter uma função dentro dela, e denunciando a ilusão: «Dia novo. Belo dia de Outono cheio de memórias de Verão. Tinha o corpo sovado de insónia e do comboio, os olhos ardido de espertina, mas sentia-me bem, já na rua, com os meus papéis profissionais na algibeira. Olho a planície do alto da rampa e sinto-me invadido dessa plenitude de quem olha o mar do alto da falésia.» (id.:28)

Ou quando Alberto começa a conhecer melhor os eborenses com quem vai ter, depois, relações tensas:

«Lembro-me bem de que nessa manhã toda a Praça acordara enfeitada de crisântemos. Mas só agora eu reparava bem neles. Havia crisântemos ao longo das arcadas, uma roda de vasos cercava a fonte por dentro das grades. Havia-os brancos, roxos, amarelos, de cabeleiras caídas para os olhos, com o seu ar fatal ao sol triste de Outono.

Partimos pela estrada do Redondo, atravessando as duas linhas férreas. Atrás ficava a cidade, dourada pelo sol, coroada pela Sé. Moura parou o carro no alto de uma rampa para que eu ficasse gravado daquela aparição. E daqui do meu Inverno, desta noite em que escrevo, eu a relembro agora. As casas brancas apinhavam-se, umas contra as outras, à ameaça do deserto e da desolação. E ali

parado, em face da cidade perdida na planície, era como se ouvisse em mim um coro de peregrinos à vista de um santuário nas romagens antigas...» (id.:57)

Apaixonado por Sofia, depois do primeiro beijo, as últimas frases deste parágrafo parecem suceder ao êxtase do ato sexual, até estereotipado em cenas de cinema:

«Do alto da rampa do Liceu, aonde chego enfim, olho atrás um momento a planície saqueada. As terras ensopadas fumegam em silêncio. A espuma da neblina amassa o horizonte, um arrepio de viés, como um esquema de vidros, inteiriça o mundo à ameaça da noite... Só ao longe, para as bandas de Évora-Monte, um rasgão no céu abre ainda uma mancha de sol – um facho erguido sobre um campo de ruínas... Encosto-me ao gradeamento do largo e penso para o deserto com o fumo do cigarro. A noite veio de súbito quando as luzes se acenderam.» (id.:88)

Ou atormentado pelas acusações de Ana, na mais longa descrição de Évora que acompanha um longo passeio ao Alto de S. Bento, em que o afastamento arrefece as emoções e o reaproximar as exacerba, e que vale a pena reler na íntegra nesta perspetiva do discurso que usa como referente um objeto de desejo:

«Não era ainda muito tarde, mas a cidade pareceu-me despovoada. Solitário, sentia-a assim. As fachadas dos prédios desciam obliquamente, altas, nuas, como numa aparição a um jacto de velocidade, formavam em baixo, na rua, como um estreito canal entre barragens. Uma mão, como espátula, esquadriava em planos o jogo das frontarias, um eco surdo alongava-se pela rua até ao vazio da planície adivinhada ao longe, como um cerco infinito à cidade irreal. Vagueei longo tempo através das ruas, facetadas de branco, pelo puro gosto de me sentir sozinho, sem ideias, anulado de silêncio. Uma cidade fantástica erguia-se imaginada, numa geometria árida de superfícies lisas, com faixas de sombra e luz estiradas dos candeeiros às esquinas, com filas de janelas altas e cerradas, túneis de arcarias desertas, flechas de torres, de chaminés à altura dos astros, ângulos negros de ruas – imóvel espectro de uma civilização perdida... Saí pela estrada, subi a S. Bento, ali fiquei algum tempo, cortado de frio, olhando ao longe a cidade contra o azul-escuro do céu, toda brilhante de luzes como uma cascata ou uma pinha de diamantes. Filas de lâmpadas derivavam do

centro até se perderem na escuridão. Algumas luziam ainda, já longe da cidade, em viagem não sei para onde. Sentia-me bem ali. (...) Quando regresssei à cidade era tarde. (...) Receei o escuro, voltei para a estrada de alcatrão que entra na Rua da Lagoa. Cidade deserta, agora realmente deserta. Mas a minha exaltação figurava-a morta desde há séculos. Apetecia-me gritar para as ruas ermas. As arcarias abrem um túnel de silêncio, as fachadas descem em obliquidade de vertigem. Sinto ainda um eco longo, todavia inaudível, a não ser numa certa repressão de expectativas. Vozes mortas erguem-se com as fachadas, embatem no silêncio das galerias, multiplicam-se como num labirinto. Sou eu que falo? As lâmpadas adormecem pelas esquinas, há um ressoar de espaço, como num mundo primordial. Caminho devagar sob as arcadas.» (id.:113)

Após uma breve ausência para férias, ao refazer a primeira chegada, parece tentar um recomeço: «O sol limpa-lhe a face, a colina ergue-a na mão como a um objecto de preço. Fico de pé a vê-la, a mala ao lado, pronto para o desembarque (...)» (id.:157).

E depois de se saber denunciado ao reitor pelas lições particulares que dá a Sofia, refaz em sentido contrário o primeiro percurso:

«E é já quase com violência que me ponho a andar ao acaso pelas ruas. (...) Meto pelo labirinto das ruas ao pé da Sé. Há uma a pique, penosa como uma velha penitência. Paro a meio, ergo os olhos para a massa escura da catedral, o alinhamento dos contrafortes, a renda de corda, lavrada a mãos grossas, pelas rosáceas, pelas ameias, a ascensão, até às flechas, de uma força entroncada, vinda do fundo da terra, escorrendo ainda o seu negrume de raízes... Dos frisos imbrincados milhafres atiram gritos para o silêncio; por cima dos coruchéus, no vasto céu azul, uma nuvem isolada vai passando devagar.» (id.:169)

A rotina agora de carro, uma existência acomodada que surge como fatalidade e propicia a inércia, com a certeza do fim da estadia, também transforma Évora:

«(...) a cidade renascia-me sob o signo da mecânica, com ruas apertadas, cruzamentos enviesados, cotovelos em ângulo recto. A rede das ruas esboçava-se-me em movimentos instintivos, mas ainda conscientes, dos meus membros, apelava para o jeito das mãos (...). Uma rua estreita e distorcida não era uma

voz de tempo e de silêncio – era um comando aos reflexos de pés e mãos.»
(id.:175)

De longe, para onde escolheu ir nos últimos meses, a cidade aparece melhor, o envolvimento físico parece prejudicial:

«Mas o que eu sobretudo gostava de olhar era a cidade. E eu a revejo agora do meio da minha noite, plácida e branca, cercada de infinitude. Instala-se na colina, cisma para a lonjura, onde me abismo também, veste de branco a acumulação dos séculos como de um luar de morte. (...) Évora, Évora. Para o meio da planície, uma inesperada toalha de água represa lembra ao longe os poços do deserto. Uma ou outra casa branca, perdida na planura, descansa-me os olhos de vertigem da distância.» (id.:190)

Estimulante é também a ilusão de ver Évora a arder na última noite que com ela dorme: «E aos meus olhos saqueados é como se uma cidade ardesse, uma cidade fantástica, aberta de quarteirões, de praças, de sonhos. Cidade, minha cidade... Que a terra tenha razão sobre ti, que essa força que mal sei te absorva, te revele em cinzas, tira delas outra fecundação e outro ignorado recomeço» (id.:269). Com a menção a Faro, como termo de comparação: «Faro é uma cidade aberta, sem muralhas nem cúpulas. Mas o meu mundo reconhece-se na laguna das águas mortas, na aragem que sopra do lado de lá da ilha. Por isso talvez alguém mais sabia ali a minha linguagem final, a que aflora num susto a aparição do silêncio, a que sagra e anuncia... Casei, adoeci, retirei-me do ensino.» (id.:272).

O discurso vergiliano de *Aparição* dedicado a Évora apareceu-nos, nesta releitura e nestes momentos, o discurso do desejo. Olhá-la e dizê-la pelo que atrai e repele parece exorcizar pelo verbo a tensão provocada, não pela cidade em si, mas pelos que a habitam e dela nasceram. Tomá-la por esses seus habitantes, sobretudo as mulheres que lhe preenchem os dias e as noites, permite-lhe pôr a razão no julgar sensorialmente. Sem os constrangimentos sociais que a relação, digamos real, com as duas mulheres lhe colocam ferozmente, com Évora a personagem do jovem professor parece poder exacerbar as suas emoções à vista de todos: deslumbrar-se, tocar-lhe, ouvi-la, percorre-la, partilhá-la ou agarrá-la só para si, entrar nela ou abandoná-la, apetecer-lhe ou fartar-se dela, conquistá-la de carro ou trocá-la por outra, como acaba por ter de fazer. Sem remorsos, ainda que com alguns amargos que roçam o estado de ressaca. E é

assim que termina o romance, longe de Évora, evocando Évora e o que num encurtado espaço de tempo ali viveu, aprendendo a ser:

«(...) neste instante fugidio e apaziguado eu me esqueço à quietude desta lua irreal sobre a terra realizada em dádiva e fertilidade, à memória de uma inocência de outrora e para sempre reinventada em música a uma hora gravada de cansaço entre uns dedos indefesos e uns cabelos louros e a luz derradeira de um dia de Inverno, eu me esqueço ainda, ao anúncio de alguém numa porta que se abre, e que me procura e me toma as mãos e as molda, à luz da lua, na flor breve e miraculosa de uma profunda comunhão...» (id:273).

Referências Bibliográficas

- FERREIRA, Vergílio (1999, 45ª edição). *Aparição*. 1959. Lisboa: Bertrand.
- RITA, Annabela (2010). *Cartografias Literárias*. Lisboa: Esfera do Caos.
- VILELA, Ana Luísa (2009). “Desejo”. *E-Dicionário de Termos Literários (EDTL)*. coord. Carlos Ceia. Disponível na internet: <http://www.edtl.com.pt/business-directory/5989/desejo/> [consultado a 29.02.2016]